



**Ao vivo e as cores: os tons da cobertura
do caso Fernanda Ellen nos programas Correio Debate e Correio Verdade¹**

Jocélio de OLIVEIRA²

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

Resumo

Coloca-se em tensão nesse artigo a cobertura feita pelos programas Correio Verdade e Correio Debate do crime que ficou conhecido na Paraíba como “Caso Fernanda Ellen”. Os produtos audiovisuais são da mesma emissora, TV Correio, afiliada da Rede Record. A análise comparativa identifica aproximações e distanciamentos nos “modos de fazer” dos dois telejornais. Percebemos que o uso das entradas “ao vivo” predominou, como elemento associado para exploração das emoções da família. Os enfoques dos programas vão tentar reconstituir o perfil do suspeito detido, ora a partir de um prejulgamento, ora em função da retomada da sua rotina como um “vizinho” normal. Tais enfoques telemidiados doam sentido e geram interpretações diferentes para o caso.

Palavras-chave: telejornalismo; violência; morte; ao vivo.

Introdução

Ao longo desse texto buscamos apontar aproximações e diferenças entre a cobertura do caso do desaparecimento da estudante Fernanda Ellen feitas pelos programas Correio Debate e Correio Verdade, ambos produtos audiovisuais da TV Correio³, afiliada a Rede Record na Paraíba. O caso aconteceu em João Pessoa, capital do estado e gerou comoção pública com um desfecho trágico após 91 dias de buscas e investigações policiais.

¹Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

²Mestrando da linha Mídia e Cotidiano do Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGC) da Universidade Federal da Paraíba, e-mail: oliveira.jocelio@gmail.com.

³A TV Correio faz parte do Sistema Correio de Comunicação reúne 4 sites, 1 fundação, 2 revistas, 11 rádios AM e FM, 2 TVs, uma de canal fechado outra de TV aberta, 2 jornais impressos. Como pode ser conferido em <http://portal-correio.uol.com.br/servicos/todos-os-veiculos.aspx>



O Correio Verdade é um programa policial, apresentador por Samuka Duarte que é bacharel em matemática e biologia. Ele é exibido de segunda a sábado, a partir do meio dia e tem duração de uma hora e meia. É um dos principais produtos da emissora e líder de audiência no horário do almoço.

Logo em seguida tem início o Correio Debate apresentado pelos jornalistas Giovanni Meireles, Haryanne Arruda e Ruy Dantas. O programa de perfil telejornalístico traz informações gerais com foco predominante em política, mas com espaço para notícias de serviço público (campanhas institucionais com atenção em direitos do cidadão), cultura, comportamento, etc.

A análise comparativa é feita a partir dos vídeos disponibilizados no site dos programas⁴, o que representa uma limitação da análise, tendo em vista as possibilidades de seleção do que foi exibido ao vivo em detrimento do que está disponibilizado na rede. O recorte foi delimitado em torno das edições do dia 9 de abril, primeiro dia da cobertura do desfecho do caso, tendo em vista que o corpo foi encontrado na noite do dia anterior.

São tensionados aspectos como tipo de abordagem, tempo da cobertura destinada ao caso e presença ao vivo nas imediações do local do crime. Ao longo do texto também é feita uma reflexão sobre o lugar da “morte” na cobertura de programas televisivos e inferências sobre aspectos de midiatização da violência na TV.

Acreditamos que o “ao vivo” no telejornal representa um nível abstrato e simbólico de atualização da notícia em destaque. Nessa cobertura, apesar de serem produtos da mesma emissora, cada um dos programas envia um repórter próprio para fazer a participação da rua em que a vítima morava. Consideramos esse aspecto uma marca na delimitação da linha editorial de cada um dos produtos audiovisuais.

Além disso, o Correio Verdade dedica quase que integralmente o seu tempo de produção para cobertura do caso, enquanto que o Correio Debate iniciou o jornal com o tema, mas tratou ainda outros assuntos relacionados à política e trabalho infantil.

Essa análise não é definitiva e integra um conjunto de reflexões sobre os vínculos criados entre o Correio Verdade e o seu público que estão em curso no mestrado do programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba, cujo objetivo é compreender o fenômeno da audiência desse programa policial no Estado.

⁴A saber, Correio Verdade <http://sites.portalcorreio.com.br/correioverdade/> e Correio Debate <http://portalcorreio.uol.com.br/correiodebate/>



O caso Fernanda Ellen⁵

A estudante Fernanda Ellen Miranda Cabral, de 11 anos, desapareceu no dia 7 de janeiro de 2013 a poucos metros de casa enquanto voltava da escola onde estudava num bairro de classes populares em João Pessoa. Segundo o delegado, Aldrovilli Grisi, responsável pelo caso, ela foi vítima de latrocínio, roubo seguido de morte. O único suspeito já foi detido e era vizinho da família e da vítima.

As investigações apontam que Jefferson Luís Oliveira Soares, de 25 anos, seria usuário de drogas e teria abordado a menina em busca de dinheiro para, supostamente, sustentar o vício. Ainda de acordo com a polícia, a menina teria reagido e por isso foi assassinada por estrangulamento. O corpo foi achado enterrado no quintal da casa do suspeito, no dia 8 de abril, 91 dias depois do desaparecimento.

Os policiais chegaram até ele depois que conseguiram localizar o celular da menina. Ele foi encontrado com uma mulher que teria recebido o aparelho para trocá-lo por drogas. A mulher chegou ajudar na elaboração de um retrato falado do então suspeito. Ele foi identificado pelo pai da estudante que teria notado um “comportamento suspeito” por parte do vizinho.

Mas a prisão do homem aconteceu por acaso. Em entrevista ao vivo à equipe do programa Correio Debate⁶ um dos tios da vítima, explica que unidades da polícia foram até o bairro onde a família mora para verificar o disparo de tiros na região. Em uma das viaturas estava a mulher que foi encontrada com o celular. Ela teria sido levada pela PM para fazer rondas na tentativa de encontrar o suspeito. Ao passarem pela rua o homem foi identificado e detido.

O caso ganhou repercussão e comoção popular. Com isso recebeu destaque na imprensa local. Várias manifestações foram realizadas na capital e empresários da cidade chegaram a oferecer uma recompensa de R\$ 10 mil reais para informações que levassem ao paradeiro de Fernanda.

A tecnomediação da violência no “ao vivo”

Apontamos nessa parte do trabalho conceitos e abordagens que consideramos essenciais para leitura da cobertura do caso Fernanda Ellen na televisão, de forma geral.

⁵A descrição do caso feita neste trabalho foi baseada em reportagens do portal G1 Paraíba.

⁶Como pode ser conferido nesse link: <http://sites.portalcorreio.com.br/correiodebate/matLer.asp?newsId=214647>



Dessa forma, nossa discussão parte de aspectos sociais da mídia, do mundo da vida e dos modos de fazer telejornalismo.

Um estudo feito em 2007 por Tondato buscou, entre outras questões, evidenciar o que a população considera violência na TV. Uma das conclusões aponta que esse conceito geralmente não é relacionado a programas jornalísticos. “Violento é a dramatização exagerada, não reconhecida no conteúdo jornalístico, visto que a narração dos fatos, mortes, ataques, acidentes e desastres noticiados é considerada prestação de serviço” (p. 129).

Nesse sentido, a exibição de cenas que mostram morte aparece em terceiro lugar no ranking, precedida da “falta de respeito” e “brigas em programas de auditório”. Ainda compõem a lista temas como “situações que exploram crianças”, “guerra por audiência”, “mostrar sangue”, “cenas que envolvem sexo” e “manipulação de situações”, não nessa ordem. Mas para efeito deste trabalho, a violência como sinônimo de crimes.

No entanto, faz-se necessária mais uma crítica ao que é compreendido como “crime”, digno de ser noticiado pelas mídias. Em geral esse conceito é reduzido à morte, situações que envolvem reféns, sequestros e assaltos, os mais violentos. Carvalho Júnior (2010) chama atenção para um estudo da Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça que diz que essas ações criminosas representam uma parcela pequena do total:

“Fica evidente que o maior número de crimes registrados pela polícia – casos de furto e de lesões corporais – é o que recebe menor atenção dos veículos de comunicação. Por outro lado, embora os casos de homicídio digam respeito apenas a 1,7% dos crimes registrados pela Polícia, eles são responsáveis por mais de 40% das matérias sobre crime.” (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2005, p. 12 apud CARVALHO JÚNIOR, 2010, p. 192)

A contribuição de Cruz (2008) pode nos ajudar a compreender essa relação. A autora destaca que consciência da própria finitude é uma característica exclusiva dos seres humanos. Essa noção contribui de forma significativa para as definições do homem em torno do “ser e estar” no mundo. A pesquisadora entende ainda que essa noção é um dos elementos responsáveis pela “necessidade de transmissão e partilhamento dos signos que compõem a cultura para mantê-los existentes” (p. 150).

Nesse sentido Cruz explica ainda que “(...) o que orienta a conduta humana nestes casos são as representações sobre a morte que se articulam, se classificam e assumem função conforme cada sistema simbólico e em cada sociedade de uma maneira mais específica”. Numa sociedade midiaticizada, essas representações – quando não to-



madras “apenas” como fatos e/ou fenômenos sociais – ganham contornos de sensacional e grotesco.

O pensamento da pesquisadora ainda nos revela uma mudança na relação com a morte a partir do século XVIII. Ela sugere que deste ponto em diante passamos a nos identificar cada vez mais com a morte de pessoas que nos são próximas. E conclui que quanto mais violenta for a morte e quanto mais próximo, amado e respeitado for o morto, mais forte é o sentimento de dor.

A mídia faz as audiências se sentirem dessa forma diariamente. Os personagens da violência se tornam próximos do público a partir do momento em que se põe em evidência no discurso jornalístico as semelhança entre as vítimas e a pessoa que assiste TV. Tais proximidades se dão no nível da vida cotidiana⁷: são crianças, adolescentes, mulheres, grávidas, e estudantes. A sensação provocada é a de que “poderia ter sido comigo”, “poderia ter sido meu filho”.

O trabalho de Veloso (2012) nos dá uma demonstração desse tipo de relação. A pesquisadora acompanhou a rotina de produção do Correio Verdade e sua transmissão dentro do estúdio durante o primeiro semestre do ano passado. À época, era permitido aos telespectadores acompanharem o programa na emissora. Durante a exibição de uma reportagem sobre a morte de um rapaz de 22 anos, vítima de latrocínio, a autora faz a seguinte constatação:

Os visitantes observavam e lamentavam a morte do rapaz, entre eles, três se emocionaram: uma mulher de aproximadamente trinta e cinco anos que teve o filho morto também em um assalto; um rapaz que disse ter lembrado do irmão ao ver as imagens da vítima e outra mulher que comentou: 'ele poderia ser meu filho' e chorava com a cabeça baixa. (p. 7-8)

O auxílio para compreender essa relação pode advir da apropriação do conceito de midiatização, aqui entendida conforme a abordagem feita por Pereira (2012) de que “midiatizar é procurar apreender algo através do auxílio de uma ferramenta lógica ou material” (p. 12). O que para o autor resulta na condição de que esse processo tem a ver com “doar” possibilidades de interpretação. Em outro nível de compreensão é possível estabelecer que a midiatização possibilita que as relações sociais sejam tecnomediadas. A imprensa faz parte desse como item referencial, não ocupa espaço de centralidade.

⁷Mundo da vida, vida cotidiana e cotidianidade são conceitos que pertencem a sociologia do cotidiano. O mundo da vida é o mundo já pronto, que se apresenta para nós desde o nosso nascimento. A vida cotidiana é a vida que nós estabelecemos na rotina. Atitudes e fatos tais como pegar o ônibus, ir para escola. É a vida de todo dia e que começa delimitar sua faixa temporal de cada indivíduo. Momento no qual você delimita o seu espaço no mundo da vida. Por fim, temos a ideia da cotidianidade que se alinha a noção de “qualidade da vida cotidiana”. Como participar de grupos diferentes, morar em cidades diferentes, fazer cursos. Dá qualidade a vida cotidiana. Tem a ver com ética, cidadania, reconhecimento do sujeito. Uma reflexão mais profunda pode ser vista em PEREIRA (2007).



Tal processo tem amplo efeito na cultura e é capaz de provocar mudanças nas relações sociais. Se comparada à técnica, pode-se dizer que a midiaticização tem um caráter instrumental. Sua consolidação e manifestações não pode ser apreendida como boa ou má, ela se manifesta num contexto. A exemplo do que explica o professor Pereira (2012), ela pode se manifestar por meio do “exercício pedagógico do reconhecimento dos conflitos sociais” (p. 25) ou ainda como “procedimento que esconde o caráter preconceituoso e hierárquico dos media com relação às culturas economicamente mais pobres” (p. 25).

Por sua vez, uma das ferramentas do telejornalismo que tem essa habilidade de proporcionar compreensões distintas é o “ao vivo”. Neste trabalho nos filiamos à concepção proposta por Fechine (2008), que se utiliza do ponto vista semiótico para estabelecer seu ponto de vista. Para a professora a entrada do jornal do ar representa a instauração de um “tempo referencial” para os acontecimentos que serão narrados ao longo da edição. A cobertura de fatos ao vivo representa uma tentativa de colocar o tema noticiado no mesmo “agora” do telejornal.

“Como o repórter também está inserido nesse *agora* da duração da transmissão do telejornal, é como se tudo aquilo sobre o qual ele fala fosse também alçado ao presente no qual se dá o seu momento de fala. Assim, por meio dessa estratégia de inserção do repórter e do apresentador no mesmo *agora*⁸ em que se dá a transmissão promove-se a *atualização* de um fato passado ao presente do telejornal. Colabora para a construção desse efeito de continuidade temporal a inserção do repórter, no ato da enunciação, no mesmo espaço ao qual se refere no conteúdo enunciado.” (FECHINE, 2008, p. 4)

O instante a partir do qual o programa começa a ser exibido representa para autora um “momento zero”, em relação ao qual todos os conteúdos precisam se organizar e fazer referência. Dessa forma, o ao vivo pode ser apreendido a partir de sua configuração como “tempo atual” e “tempo real”. O primeiro se caracteriza por fazer referência a um fato anterior ao “agora” do jornal. A pesquisadora explica que nessas situações é comum o repórter entrar ao vivo e chamar um conteúdo ou reportagem gravada, por vezes feita por ele mesmo.

No tempo real, o fato narrado acontece concomitantemente ao tempo do telejornal. “Tais procedimentos produzem, antes de mais nada, a instauração de efeitos de sentido de maior ou menor proximidade entre o ato de enunciação e o conteúdo enunciado” (FECHINE, 2008, p. 3). Nesse sentido, o uso dessa ferramenta na montagem do progra-

⁸Grifos da autora.



ma significa, para autora, um atestado de credibilidade em função do deslocamento do repórter “ao local dos acontecimentos”.

Cabe aqui a constatação de que no momento da entrada ao vivo, o estúdio se torna desimportante, tendo em vista que o conteúdo principal está fora do espaço do apresentador provocando um distanciamento deste em relação ao acontecimento. Tal aspecto é importante para compreender a narrativa elaborada em torno do caso Fernanda Ellen, que teve essa fórmula como principal ferramenta.

Os 'tons' da cobertura

O caso Correio Verdade – ou a luta do bem contra o mal

A partir do conteúdo do site do programa, foi possível constatar que o tempo total dedicado a cobertura do caso foi de cerca de 20 minutos (19'47”). Período no qual são criadas as imagens de bem e mal associadas a família da vítima e ao acusado, respectivamente. Para composição dessas representações são ouvidos os parentes da menina e policiais de forma predominantes. O acusado não teve espaço proporcional para defesa. Tenta-se ouvi-lo apenas no curto trecho entre o local onde estava sendo interrogado e a viatura da polícia que vai transferi-lo.

A construção desses dois perfis é feita a partir de uma tentativa de remontar a vida cotidiana dos atores envolvidos no crime (acusado, família, Fernanda). Os estereótipos são constantemente reforçados pelas falas do apresentador e do repórter Jorge Filho, que cobre o caso ao vivo, em frente a casa da família. Comportamentos que podem ser identificados nos exemplos a seguir:

“(…) esposa de Fábio [*pai de Fernanda*] fazia bolo e até dava *pra* ele [*suspeito do crime*], *pra* filhinha dele, *pra* esposa dele, como vizinho. Porque a mulher de Fábio e o Fábio, pessoas de bem, família de bem, uma família que não tem maldade. Fazia um bolo, e dava para um vizinho, dava para um, dava até para um criminoso, sem saber que o *canalha* estava lá de olho na filha dele. E depois matou a filha desse cidadão. Meu amigo, eu vou dizer um negócio a você: é revoltante! Eu também fico sem palavras.” (Samuka Duarte, 9 de abril de 2013)⁹
[*grifos nossos*]

“Olha só como é o coração dessa família de Fernanda Ellen! Presta atenção na resposta desse homem, que é o pai de Fernanda. Fábio, você perdoa o assassino? [*Fala do pai*] Perdoo! Perdoo porque eu garanto que se ele estivesse consciente, ele não fazia isso não. Ele *tava*

⁹Conforme pode ser conferido no link <http://sites.portalcorreio.com.br/correioverdade/matLer.asp?newsId=214642>

ingerindo bastante droga. *Tava* fora de si. Sou capaz de perdoar.” (Jorge Filho, 9 de abril de 2013) [*grifos nossos*]¹⁰

É importante citar que o jornal é ancorado pelo apresentador no estúdio e pelo repórter, já citado. Contudo, Samuka faz intervenções e entrevista diretamente os familiares da vítima e muitas vezes Jorge Filho é apenas o responsável por mediar essa interação. Quando isso acontece, o enquadramento da câmera da TV mostra o apresentador de frente para o telão onde pode ser vista a imagem da entrada “ao vivo”. A cobertura vai se dar nesses três níveis: o ao vivo, o estúdio e o telão, que para nós é um espaço simbólico que se define entre esses dois primeiros e borra a distância física entre eles (FECHINE, 2008).

A abordagem feita pelo Correio Verdade é permeada ainda por preconceitos e afirmações precipitadas. Jorge Filho chega a afirmar em uma das reportagens que o suspeito teria estuprado e em seguida assassinado a menina, fato que ainda estava sob investigação e que havia sido negado pelo autor do crime nesse primeiro momento. Tal acusação é reforçada pela fala de uma prima de Fernanda “Uma criança não pode passar pela calçada que o vizinho abusa? (...) Eu acho que nem o inferno deseja ele lá¹¹” Além disso, ele é constantemente adjetivado de forma negativa, em expressões a exemplo de “canalha” e “monstro”, ora pelo apresentador ora pelos parentes.

A figura do pai é construída de forma altruísta. É caracterizado pelo apresentador como incansável na busca pela menina. Destaca-se a contribuição que deu a polícia, as noites de sono que perdeu. É ele quem explica o desfecho do caso e de que forma a polícia conseguiu deter o seu vizinho na noite anterior. Samuka menciona que eles teriam “chorados juntos” numa das edições do programa e o repórter chega a citá-lo como amigo. Jorge filho ainda comenta que sente como se o crime tivesse sido cometido contra uma filha dele, experiência que já mencionamos acima em relação as impressões causadas nas audiências.

Outro comportamento presente na cobertura feita pelo Correio Verdade é o apego a detalhes. Foi feita uma reportagem sobre o cachorro do acusado. Ele teria ajudado a polícia a encontrar o local onde o corpo da vítima foi enterrado. Também aqui, temos a construção da identidade do criminoso, já que o repórter explica que ele agredia constantemente o animal. Outro exemplo se dá na exploração de objetos da vítima, já que uma tia de Fernanda é entrevistada portando um bichinho de pelúcia que seria dela. Du-

¹⁰Idem.

¹¹Idem.



rante a conversa o repórter menciona que o objeto ainda teria o cheiro do perfume da estudante.

Toda a narrativa é construída sob o embalo de uma sonorização que muda de acordo com o tema em destaque no momento da exibição do jornal. Para o comentário revoltado do apresentador a música é de tensão, assim como nos vários momentos em que o crime é rememorado. Ao passo em que os comentários da família tem sonorização melancólica e triste.

O uso do “ao vivo” possibilitou durante a cobertura a interação do apresentador com os entrevistados, parentes da vítima em sua maioria, com se não houvesse um distanciamento físico, “real”, entre o estúdio e o local da transmissão ao vivo. Há uma confusão entre o tempo real e atual, já que há momentos em que é feita menção ao crime, a identificação do suspeito pela polícia, enquanto que em outros há o interesse dos jornalistas em passar para os telespectadores as impressões sobre o que se passa no local no momento da exibição do programa.

O caso Correio Debate – o status quo

Partindo do pressuposto anteriormente estabelecido de que o início da exibição de um programa televisivo representa um “momento zero”, em relação ao qual os acontecimentos precisaram ter referência, o programa Correio Debate retoma o caso em aspectos já explicitados no Correio Verdade.

No dia dessa cobertura, o telejornal foi apresentado por Giovanni Meireles e pelo repórter Wendell Rodrigues. Em relação ao tempo destinado a cobertura, a partir dos vídeos disponíveis no site do programa, pudemos constatar que ele foi de pouco mais de quinze minutos (15'40”).

A opção pela exploração das entradas “ao vivo” também foi feita pela equipe do Correio Debate. Contudo, outro repórter da emissora participou da transmissão, Saimon Cavalcanti. No entanto, o delegado responsável pelo caso, Aldrovilli Grisi, foi levado para uma entrevista no estúdio do programa.

Em relação as entradas ao vivo também são dedicadas para conversas com parentes da menina. Nesse caso, o único entrevistado foi um tio de Fernanda. Ele conta mais uma vez como foi a chegada da polícia ao bairro e a posterior prisão do então suspeito. São emitidas opiniões em torno dele, também caracterizado aqui como “monstro”. O tio relembra a relação do vizinho, sua esposa e filha com a família de Fernanda.

Nesse sentido, o programa *Correio Verdade* também contribui para uma definição de uma dicotomia: o bem e o mal. Esses estereótipos serão reforçados durante a entrevista. O delegado é questionado sobre um “possível estupro”, mesmo diante da negativa do suspeito. Logo depois Aldrovilli fala sobre o histórico policial de Jefferson, momento no qual afirma que ele já respondeu por lesão corporal, mas comenta que se o crime tivesse sido cometido hoje, seria caracterizado penalmente como estupro por causa de mudanças na lei.

No decorrer da entrevista, o delegado ainda é questionado sobre o que o teria impressionado no interrogatório, cuja resposta é frieza e calculismo do suspeito. Tais elementos reforçam uma a constituição de uma representação em torno do acusado que não tem respaldo legal, já que a conjunção carnal ainda não havia sido comprovada pelos legistas à época.

Conclusões

Acreditamos que a opção pelo destaque dedicado ao caso segue a assertiva de Cruz (2008) “o discurso jornalístico sobre a morte se apropria de representações que vão classificá-la num parâmetro de normalidade e expectativa, em que, quanto mais insólita ou inesperada, a morte estará mais próxima da classificação como acontecimento” (p. 154).

Em ambos os telejornais, constrói-se visões de bandido e mocinho ocupadas pelo suspeito e pela família de Fernanda, embora esse peso tenha sido maior no *Correio Verdade*. Não negamos aqui a existência do crime, mas a demonização do suspeito ao qual são atribuídos, inclusive, crimes não confessados e nem verificados pela polícia: o estupro.

Nesse primeiro momento da cobertura não há preocupação com contextualizações tem torno do tema violência, do perfil psicológico do acusado, ou mesmo a cerca das possíveis implicações do fato na nova rotina da família.

A cobertura do caso Fernanda Ellen, no dia posterior a descoberta do corpo e prisão do suspeito, foi fundamentalmente baseada no formato da transmissão direta, o “ao vivo” e na exploração das emoções. O local selecionado para transmissão foi a rua onde a família da menina mora, que também é próximo ao local do crime, já que a vítima foi assassinada por um vizinho.



Tendo em vista que o início da exibição do telejornal funciona como um “marco zero” da transmissão, é percebido que o Correio Debate encara essa retomada do assunto com a necessidade de recontá-lo e reexplicá-lo para suas audiências, que podem ou não ter acompanhado a cobertura anterior feita pelo programa Correio Verdade. Essa escolha se dá em virtude da necessidade de atualizar o crime e de se aproximar ao máximo do ambiente do fato. Essa proximidade funciona como um atestado de competência e credibilidade dos telejornais.

As semelhanças entre os programas Correio Verdade e Correio Debate se encerram aqui. Os dois telejornais cobriram de forma significativamente oposta o desfecho do crime. Tais distanciamentos são frutos de enquadramentos editoriais distintos e de formatos da produção audiovisual. O primeiro é essencialmente policialesco, enquanto o segundo tem natureza jornalística.

O tempo total dedicado a cobertura do caso Fernanda Ellen sugerido pelo Correio Verdade pode não ser o correto, tendo em vista que o site lista nesse dia apenas uma notícia que não tem relação com o caso analisado. Enquanto que no portal do correio debate, são elencadas três notícias relacionadas a outros temas. Essa diferença é possível em função de que nossa análise se baseou no material disponível nos sites, cuja escolha está submetidas aos critérios definidos pela empresa.

A necessidade de mostrar esses limites se dão em diversos níveis. Para nós, o de maior destaque é a mudança de repórter no “*ao vivo*” de ambos os programas. Jorge Filho e Saimon Cavalcanti representam os estereótipos do repórter sensacionalista e daquele que “apenas” noticia o fato.

Em segundo lugar, o Correio Debate não apresentou espaços para demonstração de impressões pessoais ou divagações dos repórteres e apresentadores envolvidos na cobertura do fato. Essa postura contribuiu para uma amenização do efeito “bom/mau” que se estabeleceu em relação aos atores do caso.

No entanto, em momento algum o programa procurou ouvir o acusado do crime. A referência feita a ele é a partir de uma reportagem de Saimon Cavalcanti sobre a entrevista coletiva concedida pela equipe da Secretaria de Segurança do Estado envolvida na investigação do caso. Entretanto, é utilizado trecho da fala do delegado Aldrovilli Grisi em que ele narra a confissão do acusado.

Dessa forma, faz-se necessário reconhecer como positivo o comportamento adotado pelos integrantes do Correio Verdade. Com uma ressalva, a abordagem feita a Jef-



ferison ter sido utilizada com contornos de exploração da cena do bandido algemado, escoltado por policiais.

Referências

CARVALHO JÚNIOR, Orlando Lyra de. **Mídia e criminalidade: acertos e impasses no agenda-setting e no accountability.** IN: Revista Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 46, n. 2, p. 187-196, maio/agosto 2010

CRUZ, Milena Carvalho Bezerra Freire de Oliveira. **Morro, logo existo: a morte como acontecimento jornalístico.** IN: Revista Estudos em Jornalismo e Mídia, Santa Catarina, ano V, n. 1 p. 149-159, 2008

FECHINE, Yvana. Procedimentos e configurações espaço-temporais no telejornal. IN: VIZEU, Alfredo et. Al. **A sociedade do telejornalismo.** Petrópolis: Vozes, 2008

PEREIRA, Wellington. A midiaticização do cotidiano: da techné à técnica. IN: NICOLAU, Marcos (Org.). **Midiaticização e cotidiano: reflexões sobre as interações tecnome-diadas.** João Pessoa: Ideia, 2012

_____. **A comunicação e a cultura no cotidiano.** IN: Revista Famecos, Porto Alegre, n. 32, abril de 2007

TONDATO, Márcia Perencin. **Violência na mídia ou violência na sociedade? A leitura da violência na mídia.** IN: Revista Famecos, Porto Alegre, n. 32 – abril de 2007

VELOSO, Wanessa. Souto. **Verdade e espetáculo: dilemas da construção da ideia de justiça num programa de televisão paraibano.** 2012. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT14-23.pdf>. Acessado dia 22 de março de 2013